

HETEROGENEIDADES: EFEITOS POLÍTICOS DE UMA APROPRIAÇÃO TEÓRICA.

Maurício BECK (UFSM)

Introdução

Análise de Discurso, iniciada pelo coletivo de intelectuais articulados em torno de Pêcheux na França dos anos 60, se desenvolveu continuamente pela apropriação de conceitos ou noções tomados de outros campos do saber e de teorias adjacentes. O conceito de materialidade do discurso deriva da releitura althusseriana da Ideologia, enquanto superestrutura dotada uma materialidade específica. O conceito de sujeito cindido, sujeito descentrado deriva do sujeito psicanalítico, sujeito tópico seccionado pelo recalque, determinado em última instância pelo excêntrico desejo inconsciente. O conceito de estrutura, mobilizado como contraparte do acontecimento discursivo, advém da lingüística sistêmica, estrutura que, aliás, naquele momento na França começava a ser questionada, enquanto paradigma das ciências humanas, por pensadores e pesquisadores – no movimento que na América do Norte foi chamado de pós-estruturalismo.

Seja se apropriando de conceitos do continente da História ou da teoria clínica psicanalítica ou da lingüística estrutural, a Análise de Discurso (doravante AD) não apenas fundamenta sua teoria, seu dispositivo de análise, como também se autocritica e retifica seus conceitos-chave e seu dispositivo analítico quando faz intervir um conceito trazido de outro lugar teórico. Contudo, a apropriação de conceitos pela AD, em nosso entender, tem um duplo movimento. Se de um lado faz o conceito intervir para problematizar o projeto e o arranjo teórico analítico da AD, por outro lado o próprio conceito *apropriado* sofre uma re-elaboração conceitual em consonância com a perspectiva epistemológica que constitui a AD desde seus primórdios. O conceito uma vez articulado ao arcabouço teórico da AD adquire um outro escopo. Esse foi o caso do conceito heterogeneidade, uma vez apropriada acabou por afetar e ser afetada pela teoria do discurso da AD.

No presente artigo buscaremos definir o conceito heterogeneidade a partir de três perspectivas: da perspectiva do pensamento de Bataille, da perspectiva das teorias enunciativas de Authier-Revuz e da perspectiva da AD. O objetivo de nosso trabalho é fazer um cotejo do escopo e das questões suscitadas pela articulação deste conceito em cada uma destas perspectivas. Partimos da hipótese que o escopo deste conceito em AD se associa ao momento de retificação teórica no interior do dispositivo analítico elaborado por Pêcheux.

Sentidos outros, latentes em outras perspectivas talvez possam vir a ser atualizados na AD de hoje. Neste artigo a finalidade maior é levar adiante problemas referentes às formações sociais da atualidade e seus (possíveis) processos de resistência-revolta-revolução sob o prisma de efeitos de sentido em torno do conceito heterogeneidade apropriados de teóricos externos ao campo da AD. Não visamos com isso um retorno às origens. Nenhum sentido primeiro, puro ainda não maculado pelo transcorrer dos anos. Mas sim, se apropriar de saberes que possam nos ajudar a

compreender a atualidade desse mundo *pleno de heterogeneidades*. (GREGOLIN, 2004).

1. Superestrutura e Heterogeneidade em Bataille.

O literato e filósofo Georges Bataille (1974), em um estudo introdutório sobre as formações sociais fascistas, se utilizou de dois conceitos-chave para a compreensão da dinâmica interna da superestrutura social¹ em questão. Os conceitos homogeneidade e heterogeneidade foram definidos por contraste ou oposição e conforme a função específica que estes adquirem no campo político-social.

Logo na introdução do estudo Bataille (1974) afirma que a base da homogeneidade social é a produção, entendendo produção por trabalho material e útil. Segundo o autor, as ciências (exatas) e as técnicas constituem as mais expressivas e mais perfeitas formas de homogeneidade social. Pois, ainda de acordo com Bataille (1974), as leis estabelecidas pelo conhecimento científico postulam relações de identidade entre elementos diferentes, mas que partilham de um mesmo mundo elaborado e mensurável. As técnicas, por sua vez, têm como função servir de transição entre as ciências e a produção material.

Para Bataille (1974), a *medida comum* é o fundamento da homogeneidade social. Disto decorre que elementos homogêneos são intercambiáveis, são mutuamente substituíveis. Analogamente, pode se inferir que a prática social da troca de dinheiro por mercadoria e mercadoria por dinheiro somente se torna viável pela equivalência contábil de diferentes produtos da atividade coletiva. O trabalho enquanto, atividade coletiva, é então passível de mensuração e, em consequência, se torna ele também intercambiável. O trabalhador é, do ponto de vista da sociedade homogênea, uma função ordenada, uma força de trabalho intercambiável e mensurável no interior da atividade coletiva (mercado de trabalho). Seu trabalho é útil na medida em que não é *para si*.

Em contraste Bataille (1974) define a heterogeneidade social como irreduzível, desmesurada, não cambiável, não solúvel, *para si*, não utilitária (ou seja, suas práticas têm como fim elas mesmas). Características da heterogeneidade, que para o filósofo, se fazem presentes no conjunto dos resultados de gasto improdutivo (produtos excrementícios do corpo humano, parasitas), nas palavras ou gestos com valor erótico sugestivo, nos processos inconscientes (sonhos, neurose), nas formações sociais inassimiláveis (multidões, castas guerreiras, aristocráticas e miseráveis), nas diferentes espécies de indivíduos violentos ou que rechaçam as regras (loucos, agitadores, poetas, etc.).

Outro aspecto pertinente, ressaltado por Bataille (1974), é que os elementos heterogêneos provocam reações afetivas, de intensidade variável, de atração e repulsa. Sendo que o objeto de repulsa pode vir a se tornar atrativo e objeto-causa da atração pode se tornar repulsivo. A violência, a desmesura, o delírio, a loucura caracterizam em graus diferentes os elementos heterogêneos. A realidade dos elementos heterogêneos não é da mesma ordem que os elementos homogêneos. A realidade homogênea se apresenta como o aspecto abstrato e neutro de objetos definidos e identificados (realidade específica dos objetos sólidos). Uma realidade apolínea, nos termos de

Nietzsche (1992). A realidade heterogênea é da força ou do choque. Apresenta-se como uma carga, como um valor que passa de um objeto ao outro de maneira mais ou menos abstrata. Uma realidade dionisíaca na acepção nietzscheana². Por fim, Bataille (1974) ainda nos oferece alguns exemplos de elementos heterogêneos concretos: O trabalhador fora do seu horário de trabalho, heterogêneo porque expropriado do produto (intercambiável) de seu trabalho; os miseráveis, os nobres.

Apesar de definir homogeneidade e heterogeneidade pelo modo de oposição, do contraste, Bataille (1974) afirma que, conforme a formação social, os elementos heterogêneos e os elementos homogêneos podem constituir uma relação de interdependência que acaba por reproduzir as estruturas daquelas formações sociais. Contudo, se trata de determinados elementos heterogêneos, que, associados a elementos homogêneos, são responsáveis pela exclusão ou extermínio de outros elementos heterogêneos – indesejáveis ou subversivos. Na formação social nazista um sujeito heterogêneo (Hitler) se associa a massa homogênea dos membros do partido nacional socialista (o que no totalitarismo equivale a dizer membros do Estado-Nação, não há separação entre sociedade civil e Estado nesse caso) no intuito de eliminar do seio da nação alemã os judeus, elementos heterogêneos tomados como indesejáveis.

2. Authier-Revuz: A Heterogeneidade como o *Outro* no Discurso.

No campo da ciência lingüística, mais especificamente nos estudos enunciativos, Authier-Revuz desenvolveu trabalhos em que a heterogeneidade ganhou um grande destaque teórico. De acordo com a autora, a lingüística não pode deixar de mobilizar o conceito de heterogeneidade porque seu objeto demanda isso, tendo em vista que a linguagem é constitutivamente heterogênea. A linguagem, a língua, a fala, a enunciação, o fio do discurso (formulação), o discurso propriamente são caracterizados como *não-um*, como heterogêneos por Authier-Revuz.

É com base no dialogismo de Bakhtin e na psicanálise freudo-lacaniana que a autora vai definir a especificidade da heterogeneidade na linguagem. Em relação às teorizações de Bakhtin cabe retomar o paradigma opositivo, presente na obra do autor russo, enumerado por Authier-Revuz para ressaltar o “lugar dado ao outro na perspectiva dialógica, [...] *um outro que atravessa constitutivamente o um*” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.25). A ênfase na alteridade dentro da obra bakhtineana é marcada pelos contrastes entre: diálogo em oposição a monólogo, múltiplo contraposto à plural e único, *o outro no um* em contraste com *o um e o outro*, as fronteiras no heterogêneo em oposição ao homogêneo, o conflitual versus o imóvel, o relativo versus o absoluto e o centro e o inacabado oposto ao acabado e o dogma. (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Para Authier (2004) é nessa relação de fronteiras interiores que a heterogeneidade constitui o discurso, a palavra, o enunciado, o sentido. A perspectiva do círculo de Bakhtin, ao postular como lei constitutiva de todo e qualquer discurso a interação com o outro, pensa a heterogeneidade não só como alteridade, mas multiplicidade, conflitualidade e inacabamento. Inacabado que questiona toda teoria que vise a abarcar seu objeto em sua totalidade, que se pretenda toda poderosa³. Segundo Authier-Revuz pensar a heterogeneidade na linguagem significa ponderar acerca da inescotabilidade na apreensão dos fenômenos lingüísticos.

Do ponto vista da teoria psicanalítica a heterogeneidade será aquela do discurso do Outro. É o discurso do inconsciente, não como um outro discurso que precisa ser desvelado, mas como uma polifonia que atravessa o fio do discurso pretensamente linear. É o avesso do sujeito imaginariamente centrado no *eu cartesiano* que se faz presente numa topologia do discurso sem borda e sem limite discreto (figura desnorteadora da fita de Moebius). Uma espécie de polifonia, uma partitura musical, ou melhor, uma cacofonia em que as vozes não se harmonizam, mas produzem ruídos outros. Um *jazzista* que improvisa sua música em cada nova execução, uma partitura inacabada e sempre por refazer.

De acordo com Authier (2004), é a estrutura material da língua que possibilita essa cacofonia, o excesso na linearidade da cadeia significante que faz ouvir uma polifonia e que é a condição sem a qual não há inconsciente. De outro lado, o sujeito também não é entendido como uma entidade homogênea, ele é descentrado. O sujeito, desde Freud, não é senhor em sua própria morada, ou, dito à maneira lacaniana, o sujeito cartesiano *não é onde pensa ser, mas é onde não pensa pensar*. A heterogeneidade da língua se articula a uma concepção de subjetividade heterogênea, onde as fronteiras interiores estabelecem uma topologia *do outro no um*.

Para Authier-Revuz (2004), seguindo os passos de Freud e Lacan, não há centro ou essência humana. O sujeito descentrado, no entanto, sofre da ilusão de ser o centro, de ser origem de seu dizer e de poder, do mesmo modo, controlar o que diz. Esses fantasmas a autora os entende materialmente, ou seja, como o funcionamento próprio à ideologia. Não há possibilidade de se alçar para além desse fantasma ideológico, visto que na acepção de psicanálise, assim como na perspectiva da AD, o sujeito é, sobretudo, um *efeito de linguagem*.

A retomada da teoria bakhtineana e da psicanálise permite a Authier-Revuz avançar nas conceitualizações mais especificamente lingüísticas ou, lingüísticas propriamente ditas. Na abordagem da heterogeneidade lingüística a autora irá propor uma distinção entre as formas explícitas de heterogeneidade (mostrada – marcada e não marcada) e a heterogeneidade constitutiva do discurso.

Por heterogeneidade mostrada Authier-Revuz (2004) entende a presença do outro no discurso de um determinado locutor, alteridade que atravessa o fio de um determinado discurso (formulação). Designando o *outro* no ato de enunciação. Quando este outro é lingüisticamente (diretamente) detectável nós temos uma heterogeneidade mostrada marcada. A autora dá inúmeros exemplos dessa modalidade: a glosa, fórmulas de comentário, as formas sintáticas do discurso indireto e do discurso livre (na qual o locutor se torna *porta-voz* de uma alteridade), etc.

No caso de a heterogeneidade mostrada não ser passível de detecção na materialidade da língua (na formulação) nós temos, para Authier-Revuz (2004), uma heterogeneidade mostrada não marcada. Esta modalidade surge quando o locutor alude, sugere ou remete a discursos outros de forma implícita. Isto é, a heterogeneidade aparece como efeito de sentido de um dito que se articula a um não dito. Um exemplo de heterogeneidade mostrada não marcada é o discurso irônico, onde se estabelece um jogo de sentidos entre o explícito e o implícito.

A heterogeneidade constitutiva do discurso é um postulado teórico que serve de ponto de ancoragem para as análises de enunciados. Contudo, o caráter constitutivo estrutural da heterogeneidade não pode ser diretamente apreendido pela análise lingüística como a entende Authier-Revuz (2004). Por esse motivo a autora irá buscar em outras teorias os embasamento para articular a heterogeneidade constitutiva com a

heterogeneidade mostrada. Essas teorias são as já mencionadas teorias do sujeito clivado e do discurso do inconsciente da psicanálise e a teoria do dialogismo de Bakhtin.

A teoria freudiana da denegação irá possibilitar a Authier-Revuz articular heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva. Pois, de acordo com a autora, a heterogeneidade mostrada é uma forma de negociação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva. O sujeito busca marcar seu lugar delimitando o discurso do outro de forma consciente, busca controlar e demarcar ele mesmo o lugar do outro. Contudo, ao fazer isso ele denega a alteridade e se vê na evidência (imaginária) de ser a fonte e o senhor de seu próprio discurso. A heterogeneidade não atravessaria assim seu dizer, visto que a denegação é um modo de trazer elementos do outro (heterogêneo porque expulso/estranho à consciência) sem, contudo, re-investir nele a carga libidinal capaz de subverter o eu. Mantém-se, para tanto, uma separação entre o intelectual e o afetivo, articulando-se uma negociação com o heterogêneo para que ele, desinvestido de *traços perigosos*, desestabilizadores se presentifique na enunciação.

34. A Heterogeneidade na Análise de Discurso

Apropriação do conceito de heterogeneidade pela AD se iniciou em torno da problematização das chamadas máquinas discursivas autodeterminadas e fechadas que, dentro de condições de produção estáveis e homogêneas, engendrariam um dado discurso. É propondo uma retificação no dispositivo analítico que Pêcheux (1993) irá pensar a heterogeneidade como uma irrupção da exterioridade no interior das formações discursivas. É o interdiscurso, enquanto todo complexo com dominante, que a partir de então será elaborado teoricamente com mais precisão. Nessa perspectiva se constituem zonas atravessadas por saberes *outros* que desestabilizam as fronteiras no interior de uma formação discursiva. A heterogeneidade se tornará ainda mais presente a partir da reversão de perspectiva efetuada pela acentuação do primado do outro sobre o mesmo, com a conseqüente implosão do projeto da análise automática do discurso, a desestabilização das garantias sócio-históricas e a impossibilidade de se trabalhar com um corpus fechado em si mesmo.

Desse modo, a apropriação do conceito de heterogeneidade irá se dar progressivamente, numa abordagem muito próxima a de Authier-Revuz (2004). Para além de compartilhar as elaborações acerca do sujeito cindido da psicanálise, as teorizações e análises de Authier-Revuz permitirão um ganho teórico nos procedimentos de análise propriamente dita. Se Pêcheux (1993) apenas introduz afirmativas sobre a presença do outro no um, Courtine (1981) desenvolverá análises em que tratará das fronteiras instáveis das formações discursivas em constantes deslocamentos e processos de reconfiguração e assinalará a natureza heterogênea do discurso.

Contudo, cabe ressaltar que, na abordagem teórica da AD, a heterogeneidade constitutiva do discurso será entendida como exterioridade, remetendo, desse modo, às outras formas de materialidade. Cada uma delas dotada de um modo de funcionamento próprio e com sua história específica. Formações discursivas, formações ideológicas, formações sociais e econômicas, entre outras se relacionam de modo desigual e contraditório. É a exterioridade, enquanto o real da História, que determina (não de modo absoluto, mas em última instância) as condições de produção ideológicas das

formações discursivas, sendo cada formação discursiva atravessada pela exterioridade do interdiscurso, enquanto todo complexo com dominante.

Poderíamos dizer que é heterogêneo a uma formação discursiva todo enunciado que entra em contradição com as regularidades daquela formação. Considerando-se que as regularidades que constituem uma dada formação discursiva determinam o que pode e deve ser dito (e, por conseguinte, o que não pode ou não deve ser dito no seu interior), então remete a um *exterior*, que a assola em suas fronteiras, a todo *esse não poder dizer*. Tendo em vista que a presença *do outro no* um se dá pela relação de forças entre as formações discursivas em contínuo processo de alianças, oposições, subordinações, as fronteiras se deslocam conforme as condições de produção (mais favoráveis ou mais adversas) a dadas formações discursivas.

Considerações Finais

Pensar a heterogeneidade nas três perspectivas remontadas neste artigo nos deixa mais indagações, pontos de deriva e vieses do que propriamente considerações finais. A heterogeneidade é irreduzível a uma costura conceitual e o cotejo das variadas perspectivas de entendimento desta é marcada pelo excesso. Acreditamos, no entanto, que levantar algumas questões e trazer à baila problematizações em torno do conceito sirva como um fecho provisório interessante ao presente trabalho.

Tendo como base as elaborações de Bataille (1974) sobre a relação dinâmica entre os elementos heterogêneos e os elementos homogêneos de uma dada formação social (que visam a exclusão de elementos heterogêneos indesejáveis ou perigosos) poderíamos avançar na questão condições ideológicas de reprodução/transformação. A presença da heterogeneidade não significa necessariamente uma tendência à transformação. A heterogeneidade, mesmo em se tratando de discurso, pode ter um caráter reprodutivo, politicamente conservador. Como propõe Authier-Revuz (2004), ela pode se fazer presente em um processo de negociação/denegação da alteridade subversivo-transformadora. Sua função (utilitária) seria a de excluir e rechaçar a alteridade desestabilizadora, visando um processo de homogeneização através de uma dominância do todo. Um exemplo: A formação ideológica capitalista tem grande potencial de captura da alteridade – com a respectiva subtração do caráter perigoso desta. O capitalismo, enquanto infra e superestrutura, tem dado sinais de grande fôlego pela contínua assimilação das alteridades e pela capacidade de se reciclar periodicamente.

Por outro lado, a heterogeneidade indica, pela sua irreduzibilidade, a potencialidade de transformação das condições materiais ideológicas, discursivas, políticas. A heterogeneidade, enquanto exterioridade, que irrompe no interior de dada formação discursiva não pode vir a produzir uma ruptura, um efeito de *nonsense* em relação à essa matriz de sentidos. Da perspectiva ideológica, o sujeito não seria deslocado do seu eixo para as margens da formação ideológica que o interpela por efeito de uma irrupção do heterogêneo?

A articulação entre heterogeneidade e condições de produção reprodução/transformação traz à tona os modos como se dão os processos de resistência-revolta-revolução na atualidade. Frente à heterogeneidade dos movimentos de resistência e revolta da contemporaneidade, projetos que visem à unificação das

forças pelo estabelecimento de um elo político talvez recaiam num modo de operar simétrico ao da ideologia dominante. Se a heterogeneidade é irreduzível, é não-intercambiável e é o *primado do outro no mesmo*, como pode se buscar a fusão das lutas com *uma* teoria-prática política? Essa, enquanto vanguarda, não funcionaria como um elemento heterogêneo que pelo elo político subtrairia o heterogêneo do interior das lutas contemporâneas?

Ou seja, a heterogeneidade produz uma tensão na questão política da necessidade de união estratégica. Em que medida essa união não se serve da homogeneização, numa dinâmica de aliança entre um elemento heterogêneo com um todo homogeneizado em oposição a uma heterogeneidade perigosa? Questão da negociação: a arte de mentir na política não estaria associada à denegação? Não se faria ela presente no *elo político* que busca fundir numa única classe esse *mundo pleno de heterogeneidades*? O conceito de heterogeneidade não coloca em dúvida a possibilidade do fim da conflitualidade pela supressão das classes sociais num eventual mundo pós-revolucionário?

Estas indagações só podem emergir sob o prisma de uma AD que se apropriou do conceito heterogeneidade e que hoje ainda continua a levar até as últimas conseqüências *questões imperdoáveis*. A heterogeneidade, pelos efeitos teóricos e políticos que produz na AD, se constitui como um conceito fundante, pois a perspectiva aberta por ela subverteu o modo de apreensão do objeto discurso. O estudo dos processos de resistência-revolta-revolução precisa não só levar em consideração as questões que o conceito heterogeneidade traz à baila (para assim buscar entender como se dá engendramento e funcionamento de ideologias dominadas), mas se servir de modo conseqüente do estojo de instrumentos (dispositivo teórico) que AD oferece hoje. Entre essas “ferramentas” o conceito de heterogeneidade, talvez, seja um dos mais pertinentes e afiados para o trabalho com os discursos das lutas populares da atualidade, entre outros.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a Transparência e a Opacidade**. Um Estudo Enunciativo do Sentido. Tradução de Eurico Saldanha de Lemos, Leci Borges Barbisan (revisão) e Valdir do Nascimento Flores (revisão). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BATAILLE, G. **Obras Escogidas**. Tradução de Joaquín Jordá. Barcelona: Barral Ed., 1974.

COURTINE, J. J.. **Analyse du discours politique**. Le discours communiste adressé aux chrétiens (Análisis del discurso político. El discurso comunista dirigido a los cristianos) Tradução espanhola de María del Carmen Saint-Pierre. Publicado originalmente em *Langages*, Paris, n. 62, Larousse, jun. 1981.

GREGOLIN, M. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

NIETZSCHE, F. **O Nascimento da Tragédia**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PÊCHEUX, M. A **Análise de Discurso**: três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs). *Por uma análise automática do discurso*. Tradução de Bethânia S. Mariane...[et ali.] Campinas: UNICAMP, 1993.

¹ Ou *Estrutura Psicológica do Fascismo*, expressão que dá o título ao estudo.

² Em sua obra sobre a cultura grega Nietzsche (1992) distinguiu duas forças culturais antagônicas, mas complementares para a visão trágica do mundo. Estas forças foram nomeadas pelo filósofo em associação simbólica com os deuses Apolo e Dioniso. Apolo como Sol, o deus da ordem, da forma, da beleza da imagem, da individuação nomeia as forças apolíneas. Dioniso, deus do vinho, da embriaguez, da orgia, da sensualidade, do êxtase sexual, da música e dança, do transe, da indiferenciação mística batiza as forças dionisíacas. Para Nietzsche embora essas forças se oponham uma a outra, ambas precisam manter-se em um certo *quantum* relativo de força para possibilitar a arte trágica grega e os valores decorrentes desta.

³ Afirmação que polemiza com a célebre máxima de Lênin: “A teoria marxista é todo-poderosa porque é verdadeira”.